



Entre Deuses e Demônios: religiosidade e imaginário em Sergipe oitocentista

Magno Francisco de Jesus Santos¹

Faculdade José Augusto Vieira

Resumo: Caraíbas. Esse nome no final do século XIX provocou pânico nas autoridades religiosas e civis de Sergipe. Localizada na zona rural da vila do Riachão, um grupo de anônimos tentou constituir um território sagrado, a mercê da benevolência de santos deuses e demônios, que pelo imaginário do grupo, vivam entre eles. Neste artigo tem-se a ambição de compreender os aspectos inerentes à religiosidade e ao imaginário de Sergipe, por meio do estudo da santidade que foi organizada no sul da província deste estado na segunda metade do século XIX. Trata-se de uma tentativa de investigar um movimento que foi perseguido e destituído pelo poder local, mas que legou ao futuro ruídos de insatisfação, murmúrios de leitura diferenciada da realidade.

Palavras-chave: religiosidade, imaginário, anônimos, Sergipe, santidade.

Between Gods and Demons: religion and imagination in nineteenth century Sergipe

Abstract: Caraíbas. This name in the late nineteenth century caused panic in the religious and civil authorities of Sergipe. Located in rural village Riachão, a group of anonymous tried to be a sacred territory, thanks to the kindness of holy gods and demons, that the imaginary group, to live among them. This paper has the ambition to understand the aspects of religiosity and the imagery of Bahia, through the study of holiness, which was organized in the southern province of Sergipe in the second half of the nineteenth century. This is an attempt to investigate a movement that was persecuted and deprived the local authorities, but bequeathed to the future sounds of discontent, murmurs of a unique reading of reality.

Keywords: religiosity, imaginary, anonymous, Sergipe.

Introdução

Nos últimos decênios do século XIX, o medo pairou sobre as autoridades brasileiras. Os pobres, mestiços e negros estavam se revoltando, fora do controle do poder central, pondo em risco a unidade nacional. O período era perturbador e a insegurança atingia a população. O radicalismo fez nascer uma série de líderes carismáticos que pregavam contra as reformas empreendidas pela Igreja Católica em terras brasileiras que estavam levando ao processo de declínio das irmandades e, conseqüentemente, do poder dos leigos na religião oficial do país. Até então, “o catolicismo hispano-lusitano-americano vivia



realmente muito distante de Roma e das preocupações da administração central da Igreja católica” (HOORNAERT, 1994: p. 318).

Era a efervescência de novas idéias e dos questionamentos das reformas no âmbito interno da Igreja católica que vivia seu processo ultramontano. Era o “chamado século do ultramontanismo e do prestígio espiritual do papado” (MICELI, 2009: p. 17). A partir da segunda metade do século XIX a Igreja católica no Brasil tentou reformar o culto e a religiosidade no país, extirpando devoções, controlando santuários populares com a vigilância do clero oriundo da Europa e combate ao poderio das irmandades leigas, que até aquele momento eram as maiores detentoras de poder no seio católico brasileiro. Eram mudanças significativas em termos de expressões de fé (AZZI, 2001).

As transformações no campo religioso brasileiro no século XIX demonstram a preocupação da Igreja em assumir o controle das devoções e dos sacramentos, como atesta Azzi, ao afirmar que a administração dos sacramentos da confissão e da comunhão “era atribuição exclusiva dos clérigos” (AZZI, 2001: p. 194). Para controlar os antigos santuários de grande apelo popular, congregações religiosas vieram da Europa no intuito de administrá-los. No início do século XX, a circulação desses religiosos intensificou-se ainda mais, pois segundo Henrique Mattos, “em um espaço de apenas quarenta anos, vêm do exterior 31 Congregações masculinas, e uma é fundada no Brasil. As Congregações femininas são quase o triplo: 71 são de origem estrangeira e 22 são fundadas no Brasil neste período” (MATTOS, 2003: p. 37). O cenário estava em plena mutação.

Outro fator que inflamou a população marginalizada a buscar novos caminhos no cenário religioso foi a crise religiosa que assolava a instituição do Padroado Régio. Paulatinamente o estado afastava-se da Igreja Católica e provocou um desconforto nos segmentos populares e, principalmente, por parte do clero. As normativas da igreja reformada não foram acatadas por todos os sacerdotes e a deixou fragilizada no âmbito nacional.

A resultante de tais reformas foi a reação de segmentos populares que passaram a reivindicar seu lugar no campo religioso. Assim emergiram no período os conflitos religiosos e as sociedades de grupos com características messiânicas, pregadores do fim dos tempos e da boa-nova, arremetidos de fiéis (SANTANA, 2008). Em meio a exclusão



social, os anônimos passaram a atuar como protagonistas da história religiosa dos sertões brasileiros.

Sergipe não permaneceu imune a essa atmosfera de questionamentos. Diferentes movimentos sociais de cunho religioso conseguiram arregimentar seguidores na província menor do Império do Brasil. Um desses movimentos ocorreu na pequena e inexpressiva povoação de Carafbas, na Vila do Riachão, no extremo sul de Sergipe. Lá, homens e mulheres pobres, que viviam à margem das benesses sociais da província tentaram organizar um território do sagrado, no qual suas vozes se fizeram ouvir.

Este artigo se debruça sobre o universo imaginário dos personagens envolvidos na trama das Carafbas, possibilitando a inteligibilidade da simbologia e das expressões de religiosidade de Sergipe no final do período imperial. A análise tem como lastro documental os registros realizados por intelectuais que testemunharam o episódio em consonância com as discussões realizadas na historiografia local.

A principal delas é uma crônica produzida por Dantas Martins do Reis, publicada na revista do Instituto histórico de Sergipe em 1942. Trata-se de uma obra que teve como base as lembranças de antigos moradores da Vila do Riachão e da documentação referente ao episódio, como o processo contra os “moradores do Céu”. Não podemos deixar de lembrar que o autor é descendente dos líderes que provocaram a reação dos “homens bons” da localidade em relação ao movimento. É um defensor do silenciamento das “almas das Carafbas”.

Foi no povoado Carafbas que os conflitos identitários e a crise sócio-religiosa eclodiram por meio da constituição de um território religioso, com sujeitos anônimos que se tornavam protagonistas e incorporavam os elementos da religiosidade híbrida e papéis de santos e demônios. Um episódio que apavorou as autoridades que tentaram sufocar a memória, apagar os rastros da existência das almas que ali viviam, dos sujeitos que ali não hesitaram em fazer sua história.

1- Entre a Cruz e a Coroa: a Igreja em transformação.

Uma época de renovação e assombros. O Brasil católico estava abrindo as portas para outras denominações religiosas. Depois de longos anos tendo o catolicismo como



religião oficial e única crença permitida em território nacional, iniciava-se a entrada de seitas protestantes. A Igreja Católica Apostólica Romana perdera seu monopólio no campo religioso brasileiro.

Todavia, as tensões que rondavam a religião não eram somente as ameaças externas. No interior da Igreja também estavam nascendo discussões em busca de uma renovação, do combate aos elementos de paganismo que persistiam nas celebrações católicas. O ápice dessas discussões ocorreu por ocasião da reunião do Concílio do Vaticano I. Para alguns membros do clero, aquele seria o marco inicial de uma nova cruzada, não para conquistar novos adeptos, mas sim, para aproximar os ritos católicos dos quatro cantos do mundo ao modelo vigente em Roma. Nesse sentido, o termo restauração católica servia para designar o retorno ao qual seria o verdadeiro catolicismo (RIBEIRO, 2006: p. 269).

Todavia essa nova idéia de cruzada não agradou a todos. O processo de racionalização dos cultos, quase sempre refletida na simplificação e desapego ao esplendor festivos das celebrações resultou em manifestações contrárias às reformas empreendidas pela Igreja. Tais manifestações devem ser vistas não apenas como reflexo da desbarroquização dos cultos, mas também como sintomas dos impasses acerca do poder no seio da Igreja católica no Brasil.

As reformas ocorridas nos cultos religiosos provocavam a redução do poder dos leigos na esfera religiosa em decorrência da restrição de mando das irmandades. Se ao longo dos períodos colonial e do primeiro reinado as irmandades eram as responsáveis pela organização, gestão e controle das devoções populares, a partir da segunda metade do século XIX esse poder passa a ser questionado com maior veemência pelo clero. Os padres, que até então eram contratados pelas irmandades para realizarem os festejos aos santos padroeiros, passam a reivindicar maior espaço dentro da religiosidade.

O poderio das irmandades foi alvo de estudos sugestivos, como o de João José Reis, que analisou a crise das irmandades leigas em Salvador na eclosão da Cemiterada. Na Bahia, as irmandades foram responsáveis pela emergência de uma nova versão do barroco, com a pompa das procissões que se estendiam pelas ruas da primeira capital da colônia luso-americana. Segundo o autor, “as irmandades, sobretudo, mas não exclusivamente as negras, foram, pelo menos até o Brasil-Império, os principais veículos do catolicismo popular” (REIS, 2009: p. 59).



As expressões de religiosidades no país estavam sob o domínio das irmandades leigas, que foram introduzidas no Brasil com influência do modelo lusitano (BOSCHI, 1986: p. 12). É importante ressaltar que tais preocupações em torno das irmandades, festas pomposas e da morte não eram exclusivas dos segmentos populares. No imaginário do brasileiro do século XIX o medo da morte desprotegida aterrorizava o pensamento. A elite nacional também estava inserida nessas crenças. Os membros das irmandades mais poderosas desejam ser enterrados com a maior pompa possível, no intuito de demonstrar poder e, quem sabe, encaminhar a alma para o reino dos céus. Um caso que demonstra o envolvimento desse segmento social nos embates acerca das irmandades foi o envolvimento do Visconde do Pirajá na Cemiterada, justamente o “filho de uma importante família baiana, a dinastia da Casa da Torre, membro conservador da Assembléia Provincial, homem de fortes convicções monárquicas e adepto fervoroso do catolicismo barroco” (REIS, 2006: 247).

A religiosidade católica brasileira desse período possuía uma estética barroca. As procissões grandiosas, com máscaras, elementos alegóricos, andores esplendorosos, anjos e demônios, farricocos, promesseiros e penitentes promovia um verdadeiro espetáculo. Essas festas pomposas e híbridas não preocupavam somente os membros da Igreja, “a festa profana também incomodava outros segmentos da sociedade, como as autoridades civis e a elite” (COUTO, 2006: p. 273). A emergência de novas preocupações no país como os miasmas e as epidemias provocou uma divisão de posturas. Enquanto parte das autoridades desejavam manter as festas grandiosas e enterros nos templos, outro grupo passou a criticar severamente tais práticas.

No fim do Império também ganhou força no cenário religioso brasileiro o chamado catolicismo beato (HOONAERT, 1997: p. 121). Assim emergiram figuras que atormentaram as autoridades do Império e dos primeiros anos republicanos. Entre esses atores que criticavam a posição da Igreja e dos rumos da política nacional estavam Antônio Conselheiro. Um andarilho que conseguiu congregiar um considerável número de seguidores nos sertões. Em suas andanças teve como principais ações as “pregações de cunho religioso e promoção de obras de cunho social” (AZZI, 2001: p. 88). Além disso, nos lugares em que passava e pregava, ocorria o processo de sacralização (ELIADE, 2001). Como atesta Euclides da Cunha, sob as sombras de um arbusto “descansara o peregrino. Era um arbusto



sagrado. À sua sombra curavam-se os crédulos doentes; as suas folhas eram panacéia infalível” (CUNHA, 2000: p. 140).

Como se pode perceber, as representações de milagres e do sagrado permaneciam no imaginário da população dos sertões brasileiros. Aliada da precária situação em que a população estava inserida, os pregadores ambulantes conseguiram espaço suficiente para se legitimarem no campo religioso (BOURDIEU, 2005). O mundo natural era lido na perspectiva do sobrenatural, acrescido de poderes místicos de cura. Os homens simples do Império brasileiro faziam leituras de seu mundo e expressavam os seus desejos e angústias diante da situação de miserabilidade.

2- Gritos, sussurros e silêncios: sinais da devoção oitocentista

Em pleno século XIX um grupo de religiosos, simples anônimos na historiografia oficial, se reuniu em um povoado da então Vila de Riachão, no sul da província de Sergipe. Esses religiosos tentaram implantar naquela localidade um território do sagrado, com um perfil particular no qual eles mesmos eram ora consagrados, ora santificados. Tratava-se das aventuras de pessoas que abandonaram a miséria de suas vidas em prol de suas crenças, na esperança de reafirmar os laços com o divino. Foram sonhos vividos no ímpeto da imaginação, de uma cosmovisão mística, que esbarrou na truculência do poder. Os murmúrios foram sufocados. Os nomes apagados.

Todavia esses murmúrios não foram exclusivos das paragens sergipanas. Outras plagas pelo Império também viviam o frenesi das transformações e da experiência com o mundo místico. O sagrado eclodia por diferentes partes e as expressões de religiosidades eram alimentadas pelo imaginário oitocentista brasileiro, povoado por seres míticos, escatologia e medo. A teatralidade dos gestos foi a tônica utilizada pelos pregadores andarilhos. Eram errantes que atraíam os segmentos populares sedentos de algo que lhes dessem esperança.

Um desses errantes do sertão era Antônio Conselheiro, que teve uma testemunha ocular que registrou suas últimas andanças e criou um importante documento sobre as expressões de religiosidade e imaginário do final do século XIX. Sob as lentes de Euclides



da Cunha, percebemos alguns momentos de celeuma na trajetória do beato. Os bramidos de devotos aparecem nas descrições do escritor:

A sua entrada nos povoados, seguida pela multidão contrita, em silêncio, alevantando imagens, cruzeiros e bandeiras do Divino era solene e impressionadora. Paralizavam-se as preocupações normais. Fechavam-se as oficinas e as culturas. A população convergia para a vila onde, em compensação, avultava o movimento das feiras; e durante alguns dias, eclipsando as autoridades locais, o penitente errante e humilde monopolizava o mando, fazia-se autoridade única (CUNHA, 2002: p. 171-172).

Nessas andanças, Antônio Conselheiro passou por Sergipe. A influência do beato em terras sergipanas foi considerável e atraiu muitos seguidores. Uma das passagens de Conselheiro por Sergipe ocorreu em 1874, apenas dois anos antes do fatídico episódio das Carnaúbas. Seria coincidência ou os dois grupos poderia ter alguma ligação? Os registros históricos não possibilitam uma afirmação conclusiva. São apenas possibilidades tecidas a partir das entrelinhas da documentação. Nas narrativas a respeito dos dois grupos, percebe-se alguns elementos que os aproximam, mas isso poderia ser resultante de um olhar predefinido sobre as manifestações populares de religiosidade, maculado pela expectativa de repressão de tais práticas. Por esse motivo, os observadores poderiam estar escrevendo o que deveria ser alvo das críticas. Contudo, pode-se afirmar que mesmo não havendo um contato direto entre Conselheiro e os líderes do Céu das Carnaúbas, é certo que o primeiro exerceu influência no segundo. Foi um estímulo ao abandono da vida cotidiana e retirada para um universo místico, tecido pela experiência com a realidade sacra. Sílvio Romero traçou um perfil de Antônio Conselheiro que o aproxima dos atores da trama das Carnaúbas:

Pedia esmolas, e só aceitava o que supunha necessário para a sua subsistência, no que divergia dos nossos mendigos vulgares. Não tinha doutrina sua, e andava munido de um exemplar das Horas Marianas, donde tirava a ciência. Era um missionário a seu jeito. Com tão poucos recursos, fanatizou as populações que visitou, que o tinham por Santo Antônio Aparecido! Pregava contra os pentes de chifres e chalés de lã, e as mulheres queimavam esses objetos para o satisfazer (ROMERO, 1879).

O perfil traçado por Sílvio Romero, apenas três anos após a questão do Riachão explicita elementos em comum entre os episódios. Um deles está relacionado à santificação dos personagens. Antônio Conselheiro era visto por seus seguidores como um santo. Ao que indica, a partir da década de 70 do século XIX, emergiu, no cenário nacional, uma gama de



grupos messiânicos, pregadores do fim do mundo e beatos que tentavam interpretar as práticas religiosas de modo especial. Foi uma época de leituras instigantes sobre a religião. Muitos desses agentes populares da religião se tornaram na visão de seus seguidores um elo de comunicação entre os pecadores e o divino.

Inicialmente Antônio Conselheiro não se destacou como profeta popular. Ao deslocar-se por diferentes recônditos da Bahia e de Sergipe, ele era um homem que tentava amenizar a miséria das comunidades sertanejas, construindo ou reformando igrejas, cemitérios e barragens. Era um sujeito simples que despertava a atenção dos populares. Ao aparecer na Bahia no ano de 1876, período da eclosão dos bramidos das Carnaúbas, Antônio Vicente Mendes Maciel era apenas:

Um homem que trabalhava, tinha uma profissão definida, a de pedreiro, e construía igrejas, muros de cemitérios, erguia, com seus adeptos, barragens nas zonas assoladas pelas secas, o que fez em dezenas de lugares. Enquanto isso, sua popularidade crescia, chegando ao proselitismo. Não anunciava somente desgraças, mas também dias mais felizes para os que sofriam. Sua eloquência primária atingia mais diretamente a alma cândida das populações sertanejas, e assim ele arrebatava a influência do clero católico, e das próprias autoridades locais (FACÓ, 1965: p. 91)

No Riachão, parte da população também seguiu o beato em profundo silêncio, como se estivesse em um féretro, enquanto outros preferiram criar um céu na terra, um espaço dedicado ao sagrado com rituais próprios que alarmaram a população do sul de Sergipe. Euclides da Cunha registrou a passagem do beato pelas terras sergipanas da seguinte forma:

Dos sertões de Pernambuco passou aos de Sergipe, aparecendo na cidade de Itabaiana em 1874. Ali chegou, como a toda parte, desconhecido e suspeito, impressionando pelos trajes esquisitos – camisolão azul, sem cintura; chapéu de abas largas, derrubadas; e sandálias. Às costas um surrão de couro em que trazia papel e tinta, a Missão Abreviada e as Horas Marianas. Vivia de esmolas, das quais recusava qualquer excesso, pedindo apenas o sustento de cada dia. Procurava aos poucos solitários. Não aceitava leito algum, além de uma tábua nua e, na falta desta, o chão duro (CUNHA, 2002: p. 167).

Euclides da Cunha, que foi uma testemunha ocular dos últimos momentos de Antônio Conselheiro, descreve algumas cenas do andarilho. Ele demonstra que os sertões de Pernambuco, Sergipe e Bahia viviam dias impetuosos. A circulação de beatos e pregadores ambulantes e seus seguidores movimentavam as estradas de piçarra. Essa mentalidade envolta entre o bem e o mal, com tanta necessidade de profetas evidencia algumas questões



inerentes ao fim do século XX. A sociedade estava estratificada sob a perspectiva do medo. As imagens da cristandade oficial estavam desgastadas, tanto as do catolicismo reformado, como as do catolicismo barroco. Percebe-se a emergência de movimentos que valorizavam o modelo de cristianismo primitivo, pautado nas perambulações, no modo de vida rústico e desapego ao mundo.

A religiosidade do século XIX era marcada pelos sermões. Do alto dos púlpitos, os padres desenrolavam suas palavras condenando os pecados e alimentando as práticas penitenciais, caso fossem regradas. Os profetas anônimos também criavam seus palcos improvisados para as apresentações ao grande público. Era necessário expor as idéias, alertar os populares do risco que corriam ao estarem cerceados pelos pecados.

Cercados de devotos entoando ladainhas, com terços nas mãos, no palanque improvisado ao lado de barracões de feiras, emergia a figura de Antônio Conselheiro. “Ele subia e pregava. Era assombroso, afirmam testemunhas existentes. Uma oratória bárbara e arrepiadora, feitos de excertos truncados das Horas Marianas” (CUNHA, 2002: p. 172). A retórica do medo foi fundamental na cristalização de imagens, na persuasão de novos seguidores. As feiras livres, campos abertos e adros de igrejas se tornaram palco de onde discorriam palavras herdadas da tradição católica penitencial lusitana. As palavras que ecoavam dos palanques improvisados retratavam uma tradição do outro lado do Atlântico. As palavras proferidas tinham sido escritas por padres portugueses ao longo do século XIX.

A Missão Abreviada foi um sermonário escrito pelo padre português Manuel Gonçalves Couto. É um livro “marcadamente devocional, utilizado como texto básico nas pregações e sermões das Santas Missões que durante o século XIX percorreram os sertões nordestinos” (CARVALHO, 2005: p. 86). A relevância da Missão Abreviada para os sertanejos foi destacada por Abelardo Montenegro, ao dizer que essa obra circulou nos sertões ao longo do século XIX e que “constituía uma espécie de breviário do sertanejo. Contava fatos relacionados com os castigos e sofrimentos impostos aos transgressores da lei divina” (MONTENEGRO, 1973: p.13).



3- Atores, imaginário e dramas na religião do Calvário.

No período marcado por tantas agitações no campo sócio-religioso brasileiro, foi na vila do Riachão, sul da província de Sergipe, que eclodiu uma das primeiras destituições de seitas populares. Após a passagem de Antônio Vicente Mendes Maciel por Sergipe, os segmentos populares iniciaram a constituição de uma sociedade fechada, teocrática, nos arredores do povoado Carnaíbas. Era o novo palco da religião do Calvário que emergia, no qual pouco tempo depois o sangue jorraria.

A maior parte dos integrantes do céu das Carnaíbas era de origem negra. Eram escravos fugidos, libertos e pessoas que buscavam um novo modo de vida, distante do mundo miserável e de opressão em que viviam. O cronista do céu do Riachão assim descreveu os atores que se envolveram na trama religiosa:

Em torno das práticas de conhecido zelador, com feitio de Page, despreparado, porém inteligente, agruparam-se pessoas desocupadas, mamelucos, negros foragidos e malfeitores, que vinham sendo espreitados pela polícia, e resolveram criar um céu na terra, em que pudessem cuidar sem peias, gozando as delícias da despreocupação e da impunidade (REIS, 1942: p. 27).

A assertiva de João Reis evidencia que o movimento das Carnaíbas envolveu basicamente pessoas das camadas populares. Foi um movimento de marginalizados. O cronista enfatiza que os sujeitos envolvidos na trama eram pertencentes ao campo da criminalidade e que viram na suposta santidade uma oportunidade de livrar-se das garras da justiça. Ao analisar o documento que descreve o episódio histórico que por tanto tempo permaneceu esquecido do olhar historiográfico é necessário ter atenção. Não podemos esquecer que a fonte principal foi produzida pelo elemento estranho, por alguém que não fazia parte do grupo. Partindo desse pressuposto, entende-se o intuito do autor ter escrito sempre partindo do estranhamento e ter ressaltado uma interpretação negativa do evento. João Dantas Reis é um cronista que tenta valorizar a memória de sua terra natal e episódios como o céu das Carnaíbas aparecem mais para fortalecer a eficácia do poder coercitivo dos dominantes do que as falas dos sujeitos anônimos que protagonizaram a comunidade. Incontestavelmente o autor ressalta a ação da elite local, da qual ele também era membro e menospreza o papel dos populares, classificados como malfeitores.



Prova dessa constatação é que o nome dos sujeitos que fizeram parte do enredo das Carnaíbas não aparece no texto, em nenhum momento. Eles construíram um dos principais movimentos de contestação da realidade a qual estavam inseridos de Sergipe, mas permaneceram no anonimato. O que teria impedido o autor de listar as pessoas envolvidas? Foi precaução, desconhecimento ou respeito a um possível desejo das almas das Carnaíbas? É difícil afirmar algo. As fontes não possibilitam tirar conclusões. Não podemos esquecer que os atores protagonistas, em sua grande maioria eram anônimos, pouco conhecidos na sociedade sergipana. Era um movimento de pessoas comuns, que de um momento para outro tentaram recriar o mundo idealizado, sacralizado, um céu em plena vila do Riachão.

No entanto, o cronista deixa transparecer que ele tinha conhecimento, pelo menos, do nome do líder da santidade. O conhecido zelador é descrito de forma pormenorizada, principalmente no que concerne a sua suposta conduta duvidosa. Nesse ponto fortalece as inquietações sobre o motivo que o fez omitir dados relevantes para seu texto mnemônico. Prudência ou tentativa de silenciar um passado que não deveria ser lembrado completamente? São questões a serem pensadas.

João Dantas Reis divide seus personagens em dois grupos: o da desordem, caos, libertinagem e crime, representados pelos participantes do céu e os responsáveis pelo restabelecimento da ordem, da moral e bons costumes, que tiveram seus nomes citados integralmente. Eram os representantes da elite da vila. Trata-se, portanto, de uma trama que pôs frente a frente os vencidos e os vencedores. Ao que indica, o narrador optou claramente em permanecer do lado dos vencedores. O autor também destaca a participação da população das Carnaíbas. Ele elucida que a população local foi a responsável pelo crescimento do grupo, adentrando na trama, como as “almas” das Carnaíbas. “De dia a dia o grupo de supostos crentes ia crescendo e se avultando, fortalecido pela desconfiança na fé dos novos adeptos que surgiam da circunvizinhança. Aumentava de momento a momento” (REIS, 1942: p. 27).

Os protagonistas do episódio não tiveram seus nomes revelados, mas eles apareceram na narrativa com os nomes que eles eram invocados no céu. Ao entrar na santidade sergipana do século XIX, os anônimos tinham suas identidades apagadas, assumindo novas faces com nomes diferentes, remetendo a corte celestial. Entre as almas das Carnaíbas existia distinção, que era explicitada por meio dos títulos recebidos pelos



participantes. Isso fortalece a hipótese de João Dantas Reis de que o episódio das Carnaíbas foi uma Santidade. Para o memorialista de Riachão do Dantas as “santidades eram espécie de seita em que muitas vezes se elevavam pessoas que dela faziam parte, a categoria de santos e vultos outros da Igreja com faculdade até de praticarem milagres. Tinham liturgia própria, e vida orientada sob princípios preestabelecidos” (REIS, 1942: p. 27).

Na santidade das Carnaíbas a distinção de alguns personagens também se fez presente. Os atores que criaram o céu ganharam prestígio e passaram a ser vistos pelos companheiros com títulos de santos e demônios. Criou-se no céu das Carnaíbas uma corte. As mais de sessenta almas tinham membros respeitados, líderes santificados. Para Reis, “de logo cuidaram de distinguir certos companheiros de crença, elevando-os à categoria de supostos santos. Assim surgiram no agrupamento santos e santas, respeitados e havidos como tal, pelos companheiros” (REIS, 1942, p. 28). Uma corte celestial foi edificada na erma Carnaíbas, demonstrando um panorama do leque devocional popular do século XIX no interior do Brasil. Os santos mais populares estavam encarnados entre as almas.

Desse modo, emergiam nos campos do Riachão “Nossa Senhora, Nossa Senhora do Amparo, Nossa Senhora das Dores, Sant’Ana, Santa Efigênia, Jesus Cristo, São João, Santo Antônio, São Francisco e outras divindades da nova corte celeste” (REIS, 1942: p. 28). Como se pode perceber, os santos mais populares da religiosidade católica do Brasil oitocentista estavam presentes no céu do Riachão. As imagens de devoção do catolicismo rústico estavam presentes, sendo alvo de devoção das demais almas. As Carnaíbas assumiam o posto de um santuário com santos vivos e encarnados.

Todavia, nas Carnaíbas nem todos os encarnados eram membros da corte celeste. O céu do Riachão também era habitado por seres responsáveis pelo mal. Segundo o memorialista do céu das Carnaíbas, na corte celeste também estava presente:

O indefectível SATANAZ, tão necessário as discórdias do novo céu, pois que sua palavra era obedecida e respeitada naquele antro repelente. A crença no poder do espírito maligno era tão grande, que Satanaz representava na vida humana um papel tão importante como o do próprio Deus (REIS, 1942: p. 28).

Um contexto complexo. O enredo tecido no sul de Sergipe envolvia não somente personagens santificados, mas também o temido e respeitado satanás. A trama estava repleta de conflitos internos, ainda nos momentos iniciais. O medo também habitava a nova



comunidade que estava sendo construída nos arredores do Riachão. Todavia, havia uma expectativa maior. Os boatos sobre o céu se espalhavam na vila e incomodava a elite local. Os camponeses das redondezas migravam para o céu em busca de dias melhores, mais tranquilos, na esperança de viver a paz de um céu sem tantos tormentos. Os personagens da vila, tidos como responsáveis pelo restabelecimento da ordem discutiam como deveriam agir. Agitações descomuns faziam parte da vila de Riachão em 1875.

Assim, organizou-se o destacamento visando a invasão do céu. Elite e populares se uniram no intuito de planejar o fim do céu que estava em formação. Havia a preocupação em destruir a comunidade que era vista como antro de malfeitores, desocupados e foragidos. O crescimento avassalador da comunidade incomodava os moradores de Riachão, que temiam o descontrole total. Com isso:

Reunidos, destacamentos da vila e de lugares próximos, populares e até pessoas de destaque, dentre elas o delegado, capitão Marcolino José de Araújo e os cidadãos Manuel da Costa e Silva, Teófilo Martins Fontes, Joaquim Lopes de Almeida, José Domingos de Araújo, José Rocha Borges e muitos outros rumaram para o novo céu (REIS, 1942: p. 28).

Os atores estavam prontos para o espetáculo da destruição. De ambos os lados os atores estavam formados. O céu das Carnaíbas seria o cenário de uma das batalhas mais intensas entre populares e elite. A heterodoxia aguardava a ortodoxia. A trama estava prestes a apresentar seu desfecho. Os moradores da vila do Riachão, armados, caminharam rumo ao céu. Estavam prestes a encontrar os santos e devotos encarnados.

4- Medo, pânico e aflição: o enredo de uma época.

Um cenário pintado paulatinamente pelos estudiosos das coisas do povo. Folcloristas e demais nomes da intelectualidade local desenham o céu criado nas Carnaíbas e apresentam seus respectivos atores, que entram abruptamente em cena. Um enredo tecido por duas formas de ler o mundo: a primeira, das almas das Carnaíbas, criadores de um céu em que as expressões de religiosidade popular afloraram. Os moradores do céu desejavam recriar o seu mundo, fugindo dos problemas deixados na sociedade na qual eram vistos como marginalizados e desregrados. No céu criado por eles, os personagens podiam se auto-



representar como santos e santas, tendo permissão até mesmo para ser o sempre indesejável demônio.

A segunda forma de ler o mundo religioso era a da população da vila do Riachão. Tratava-se da visão marcada pelo olhar da ortodoxia, dos cânones religiosos e dos interesses da elite sobre o poder na localidade. Os membros da elite local, associados a alguns populares seriam os responsáveis pela tentativa de liquidar com o movimento, de exterminar a santidade.

O grupo armado saiu da vila em direção ao céu. A expectativa era grande, da mesma forma que as dúvidas. É muito provável que as conversas tenham se espalhado e a fama da santidade deve ter criado algo que não correspondia a realidade. Muitos dos que seguiam para a batalha não sabiam ao certo o que iriam encontrar. Provavelmente, esperavam um grupo de bandidos, na espreita para agir nos arredores, a espera de oportunidades para cometer seus crimes. Segundo Reis, o céu do Riachão desfaleceu por forças humanas e não divinas. “Mas o Céu das Carnaíbas durou pouco. Teve vida breve, não por força dos castigos divinos, que não se fizeram sentir, mas por deliberação dos homens da vila” (REIS, 1942: p. 28). Percebe-se que o autor tenta legitimar a ação dos moradores da vila como algo que antecedeu a vontade divina. Os moradores, instigados pela elite local destruiriam a comunidade em nome da ordem e dos cânones da doutrina cristã.

Isso explica em parte os termos usados pelo autor das memórias do céu. João Dantas Reis afirma que “as autoridades do Riachão e cidadãos qualificados, alcançando o perigo, resolveram destruir com o novo Céu em formação”. Fica explícito que o motivo principal da invasão foi o medo de que a santidade crescesse e fugisse ao controle das autoridades. A população local estava aderindo ao movimento e aumentando o número de adeptos. A seita se propagava nos arredores da vila e se fortalecia, demonstrando que, em pouco tempo, as autoridades locais não teriam mais como banir o movimento. O medo fez com que as autoridades reagissem de imediato, antes da perda total do controle sobre a situação.

Os representantes da ortodoxia caminharam armados em direção às Carnaíbas. A população dessas comunidades devem ter sentido o pânico da proeminência de uma batalha. Cenários de guerra poderiam deflagrar naqueles dias. Todavia, as almas que viviam no céu pareciam estar mais preocupados com seus rituais do que com possíveis invasões. Nada de



armamentos. Nada de reação planejada para defesa. Santos, demônios e fiéis teriam que defender-se com o que encontravam pela frente. Travou-se uma luta desigual entre o poder hegemônico e os populares que desejavam criar o seu próprio céu híbrido.

A luta foi descrita pelo narrador das aventuras das almas das Carnaíbas de modo sutil. Ela destaca o uso de armas simples, principalmente a receptividade das almas com paus e pedras. O autor tenta mostrar que os crentes das Carnaíbas agiram de modo truculento, mas omitiu que quem invadiu a santidade, no intuito de destroçar, foram os moradores da vila. Seria essa a batalha de um impasse entre o urbano e o rural pelo domínio do campo religioso? Provavelmente não se restringe a esse campo. As disputas revelam os anseios sociais, econômicos, e políticos da localidade. Assim, “a reação por parte dos fiéis foi grande, travou-se luta a pau entre os dois grupos. A pancadaria foi grossa, formidável” (REIS, 1942: p. 28).

O céu estava em guerra. Em nome da ordem e da ortodoxia religiosa, os moradores da vila do Riachão invadiram a santidade e tentaram sufocar o movimento que dava seus primeiros sinais. Criou-se por alguns instantes um inferno em plena Carnaíbas. Horas depois, os fiéis foram detidos. A santidade sergipana dava seus últimos suspiros. Os sonhos de se viver em um céu, em plena vila do Riachão desmoronaram-se. Cabisbaixas, as almas foram levadas para a vila onde seriam julgadas. Deixavam para traz a tentativa de criação de uma nova ordem cósmica, de um território sagrado. O fim da batalha foi apresentado por João Reis assim “afinal, depois de renhida luta, em que só falaram o pau d’arco e o buranhém, foram vencidos os supostos crentes. Muitos amarrotados e de cabeça quebrada” (REIS, 1942: p. 28). A descrição das almas após a luta com os moradores da vila demonstra indícios da violência que ocorreu naquele dia. As marcas nos copos denunciavam o uso da força na imposição da ordem.

A descrição do memorialista também destaca o trajeto entre o céu e a vila de Riachão, com as almas amarradas sendo levadas para a prisão. A caminhada deve ter sido usada como mais uma estratégia de persuasão, de constranger os fiéis diante da observação do público. Os boatos nas pequenas localidades se propagavam com rapidez e as notícias do levante não tardaram em se tornar conhecimento da maior parte da população logo após a saída da tropa em direção ao céu. É muito provável que a população já estivesse de prontidão a espera do retorno das tropas, no intuito de saber do resultado do confronto. O



impacto do desfile das mais de sessenta almas amarradas, com marcas nos corpos, cabisbaixas, seguindo em direção a cadeia deve ter marcado a população local. Com isso, “aprisionados mais de sessenta entre santos e fiéis, trazidos para o Riachão onde fizeram retiro apropriado na cadeia e receberam o conselho das autoridades, depois de ouvidos em autos de perguntas” (REIS, 1942: p. 28). O céu estava destituído e o novo cenário das almas era a cadeia. As páginas policiais, os autos de perguntas e os escritos de memorialistas passaram a registrar a curta trajetória desse episódio mal compreendido.

5- O Céu das Almas das Carnaíbas: frestas de uma devoção

As idéias de uma sociedade em crise foram explícitas na eclosão de movimentos radicais. Populares e marginalizados rebelaram-se, revelando ressonâncias de um catolicismo rústico e híbrido. Personagens bíblicas presentes no imaginário da sociedade sergipana do século XIX também emergiram na criação do céu, na zona rural da vila do Riachão.

O período era tumultuado. A Questão Religiosa, atormentava o clero nacional, apesar da vigência do Padroado Régio. A eclosão de movimentos messiânicos parecia que estava por acontecer, demonstrando que o imaginário religioso atrelado às precárias condições de vida da população era o alimento perfeito para a legitimação de novos líderes carismáticos. Padres com distúrbios mentais, reformas na Igreja, profetas populares, pregadores do fim dos tempos faziam parte do cenário religiosos brasileiro em fins do oitocentos e início do novecentos.

É provável que o medo de uma revolução religiosa tenha preocupado as autoridades religiosas, mas na documentação não foi encontrado nenhum indício que comprove a intervenção direta da Igreja. A ortodoxia religiosa agiu por meio dos interesses da elite. O olhar dessa elite que prevaleceu na constituição das imagens referentes ao céu que se organizava nos arredores da vila. Os murmúrios do desregramento pouco foram ouvidos. Foram apresentados apenas como ícones da desordem, da ruptura dos costumes que deveriam ser preservados. As almas eram vistas simplesmente marginais, malfeitores e desviados sexuais. Eram pessoas que “infligiam ainda as leis penais, praticando furtos, roubos, agressões e assaltos aos viadantes e muitos outros delitos” (REIS, 1942: p. 28).



As representações criadas a respeito do céu naquele instante estavam repletas de curiosidades sexuais, de imagens de pervertidos. Nos depoimentos um dos assuntos em que mais as autoridades instigaram foi a esse respeito. O próprio memorialista da santidade registrou que “os sectários de tão singular seita, viviam homens, mulheres casadas e solteiras em franca promiscuidade, gozando da mais ampla liberdade, dormindo juntos ao relento, nos matos, em torno da Santa Cruz do lugar, confraternizados, por entre ‘os agrados afrodisíacos’” (REIS, 1942: p. 28). São indícios de um mundo, do uso de ervas sagradas, de uma leitura diferenciada do universo. São indícios de uma cosmovisão própria da época, de um segmento social determinado.

Podemos entender o homem como criação do desejo (BACHELAR, 1990). Os sonhos das almas das Carnaíbas cruzaram no desejo da elite do Riachão em manter a ordem. Por esse motivo, as autoridades tentaram desconstruir as imagens de uma comunidade religiosa e enfatizou a sexualidade. As devoções foram negligenciadas nos depoimentos ao destacar a situação em que se encontravam algumas das santas do céu, como destacou João Dantas Reis: “Por ocasião da detenção, verificou-se que muitas santas se encontravam em estado interessante e que mais de quinze virgens já não traziam as suas grinaldas de flores de laranjeiras” (REIS, 1942: p. 28). Por meio desse depoimento percebe-se que uma das preocupações das autoridades e seguidas pelo memorialista foi de fortalecer a hipótese da perversão sexual. Evidenciar a gravidez das santas e a não castidade das virgens era uma forma de desconstruir possíveis imagens que vinham se consolidando naquela região. Enfatizava-se que nas Carnaíbas tinha se organizado uma seita que desvirtuava os valores sexuais e da ordem vigente na época.

Era o fim de uma santidade. Os rituais e as devoções das Carnaíbas desfaleceram diante da ação das autoridades. Os ruídos das “dormições” diante da santa cruz silenciaram. As almas desapareceram. O céu apagou-se na memória. Todavia, os ecos da santidade invadiram outros ares sergipanos, em épocas e plagas distintas. O Céu das almas das Carnaíbas ainda não tinha sido derrotado por completo.



Referências Bibliográficas

AZZI, Riolando. *A Sé Primacial de Salvador: a Igreja Católica na Bahia. 1551-2001. Vol. 2.* Petrópolis- RJ: Vozes, 2001.

BACHELAR, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento.* São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARRETO, Luís Antônio. *Santidades: pobres e mestiços criam céu em Sergipe.* In: <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto>. 2008. Texto retirado no dia 17-10-2008

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais.* São Paulo: Ática, 1986.

CARVALHO, Anna Christina Farias de. *Sob o signo da fé e da mística: um estudo das irmandades de penitentes no Cariri cearense.* 2005. João Pessoa. Dissertação (Mestrado em Sociologia). UFPB.

COSTA, Avani Gama Menezes. *De Almas a Santos Encarnados: devoção no Céu das Carnaúbas na Vila de Riachão oitocentista.* In: *I CONGRESSO SERGIPANO DE HISTÓRIA.* Aracaju: IHGS, 2008.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França Moderna.* Trad. Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica.* São Paulo: Cultrix, 1982.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. *O Negro e a Violência do Branco.* Rio de Janeiro: José Alvaro, 1977.

FONTES, Arivaldo Silveira. *Figuras e fatos de Sergipe.* Porto Alegre: CFP Henrique Bertaso, 1992.

FREITAS, Itamar. Antônio Conselheiro em Sergipe: uma revisão de literatura. In: *Cadernos UFS: História.* Vol. 2. São Cristóvão: PDPH/ADUFS, 1996. p. 83-89.

HOONAERT, Eduardo. *Os anjos de Canudos: uma revisão histórica.* Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *História do Cristianismo na América Latina e no Caribe.* São Paulo: Paulus, 1994.

MATTOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da igreja Católica no Brasil.* Tomo 3. São Paulo: Paulinas, 2003.



MONTENEGRO, Abelardo. *Fanáticos e cangaceiros*. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1973.

MICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

REIS, J. Dantas Martins dos. Almas das carnaíbas; um céu no Riachão: resquício das Santidades. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Vol. XI, nº 16. Aracaju: Imprensa Oficial, 1942. P. 27-28.

REIS, João José. Cemiterada: reforma funerária e rebelião em Salvador, 1836. In: BELLINI, Lígia; SOUZA, Evergton Sales; SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Formas de crer: ensaios de história religiosa no mundo luso-afro-brasileiro, século XIV-XXI*. Salvador: Corrupio/EDUFBA, 2006. P. 227-248.

_____. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RIBEIRO, Emanuela Souza. Convergências entre Modernidade e Romanização do Catolicismo do Brasil da Primeira República. In: *História das religiões no Brasil*. Vol. 4. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006. p. 257-290.

ROMERO, Sílvio. *Revista Brasileira*. 1879.

_____. *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil*. 2ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1977.

SANTANA, Glêyse Santos. *No jardim do bem e do mal: heterodoxias de um profeta do sertão*. 2008. Monografia (Especialização em Ciências da Religião). UFS.

VAINFAS, Ronaldo. *Os Protagonistas Anônimos da História: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VERGER, Pierre. Procissões e carnaval no Brasil. In: *Ensaio*. Vol. 5. Salvador: Centro de estudos afro-orientais, 1984.

¹ Licenciado e bacharel em História da Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Ciências da Religião e mestre em Educação pela mesma instituição. Atualmente desenvolve pesquisas sobre a religiosidade em Sergipe entre os séculos XIX e XX.